Ano VII — Lisboa, Junho de 1951 — N.º 74

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

AS NARRATIVAS HISTÓRICAS COMO MEIOS DE ACÇÃO EDUCACIONAL

Um excelente meio de acção de que os chefes podem dispor como auxiliar da sua tarefa educativa, é sem dúvida a peroração sobre os acontecimentos proeminentes da História, sem esquecer o escorço biográfico das personalidades mais em evidência na história da cultura.

Ao contrário do que muitos podem pensar, a lição que a História nos oferece é preciosa em todas as circunstâncias e incautos são aqueles que pretendem esquecê-la ou desmenti-la, tanto mais que, entre o evolucionar de factos semelhantes, ainda que em épocas distintas, existe mais ou menos um certo paralelismo ou afinidade, que dá azo a afirmar-se muitas vezes que a História se repete.

Todos podemos observar que as obras que B.-P. nos deixou se encontram enxameadas de narrativas deste género, cuidadosamente seleccionadas, aproveitando os acontecimentos em que vêm à baila os actos de abnegação e de bravura que tanto entusiasmo suscitam no adolescente.

É este processo que os chefes podem adoptar nos fogos de conselho em que, a meio das canções e das historietas, uma legenda sugestiva, onde se destacassem os pormenores mais interessantes e se tirassem as ilações convenientes, reuniria condições certas de agrado, aumentadas ainda pela fantasia que o ambiente emprestaria à narrativa.

Por vezes, em lugar da descrição de determinado facto histórico, podia focar-se, como já dissemos, a vida de uma das grandes figuras da Humanidade, quase todas elas repositórios admiráveis de virtudes que importa cultivar nos jovens.

Não é demais salientar que estas biografias são afirmações convincentes da, por assim dizer, teimosia com que esses homens enfrentaram os escolhos que bastas vezes se lhes depararam, além de que, na sua maioria, são modelos frisantes de bondade, dado que eles tiveram uma noção superior das misérias e sofrimentos do Homem, que procuraram mitigar ou resolver. Há muita gente que pensa que as grandes realizações do engenho humano foram infinitamente facilitadas pelo poder de concepção e de execução dos seus autores. Ilusão pura! Não tivessem eles o apanágio de uma aplicação constante e de uma paixão estreme pela obra a produzir e de pouco lhes serviria o talento, esterilizado por dificuldades constantes.

O jornal de parede, uma paragem na excursão, a cerimónia de encerramento do bivaque, eis óptimas oportunidades a aproveitar para este fim. Os escoteiros receberão aprazìvelmente essa prelecção, pois a história de algumas dessas grandes figuras são concludentes quanto ao grau de interesse que hão-de despertar, recheadas como estão de situações singulares e de momentos romanescos que, bem descritas, não deixarão de provocar logo a curiosidade.

Por exemplo: Bernard de Palissy que, à míngua de recursos, vai queimando os móveis de sua casa e por fim o próprio soalho, para conseguir realizar as investigações sobre processos cerâmicos que o viriam a celebrizar. Pasteur, o famoso sábio, devotado completamente às suas experiências, vai arrostando com as invejas e interesses dos seus desafectos e vencendo as ondas de cepticismo e preconceitos, até que adrega o reconhecimento do valor das suas opiniões. Diderot, modelo excepcional de perseverança, trabalhador incansável, leva a cabo essa tarefa gigantesca da *Enciclopédia*, apesar dos perigos e das perseguições de fanáticos poderosos, que o levam até à prisão. Essa obra representa trinta anos de um trabalho extenuante, em que mal lhe era dado repousar! E tantos, tantos outros poderíamos citar, como Pestalozzi, o nosso Camões, os Curie, Reuter, Livingstone, etc., isto para não apontar nomes que, apesar de moralmente deficitários, habilidosamente estudados constituem ainda lições de aproveitar.

Estas sugestões, dada a facilidade de execução que oferecem, há muito que entre nós têm sido aplicadas. Julgamos, todavia, que a apresentação de narrativas deste género devia tornar-se mais intensa e regular, porque, além do interesse cultural que encerram, são lições vívidas e perduráveis, transmitindo ao rapaz uma noção exacta das dificuldades que sempre se encontram na vida, ao mesmo tempo que lhes robustecem o ânimo para as enfrentar.

Os grupos de escoteiros não são centros de campismo nem associações de recreio, mas sim os núcleos onde os chefes desenvolvem a sua acção educativa nos rapazes que lhes são confiados. Se esses dirigentes não alargarem os seus meios de acção e não buscarem processos adequados, a sua actividade será restrita e, portanto, não estarão realmente desempenhando o papel que lhes está confiado, porque a educação não se compadece com limitações, mas demanda um devotamento completo, porque complexos são os seus objectivos.

JOEL RIBEIRO

Jovem! a natureza dá-nos uma língua, mas dois ouvidos, de maneira que possamos escutar duas vezes mais do que falamos.

BADEN-POWELL

O Grupo 93 de Sintra, uma unidade próspera e activa

A série de entrevistas com Grupos de Escoteiros que o «*Sempre Pronto*» vem publicando de há tempos, está agora com os Grupos da província.

E se em Lisboa seguimos a ordem numérica, agora temos de atender primeiro à conveniência de deslocação, conforme sucedeu com o Entroncamento, em que o visitámos quando nos encontrávamos de férias em Tomar.

E, posta esta advertência, contemos o que se passou na nossa recente visita ao conhecido Grupo de Sintra, o «93» de seu número e que se encontra instalado no formoso Palácio Municipal de Valenças, fronteiro ao Palácio da Vila e sobranceiro ao lindo vale que divide a simpática vila de Sintra.

Na noite aprazada, fomos na sede do «93» recebidos pelo seu Chefe, Sr. João Henriques Soares, e por alguns seniores que durante a nossa visita sempre estiveram ocupados em exercícios de morse, com um aparelho construído no Grupo.

E como estas nossas visitas aos Grupos de Escoteiros se têm transformado em interessantes páginas de recordações, ocupámos um pouco do nosso tempo a reviver alguns factos de conhecimento comum, depois do que iniciámos a «conversa» para o «*Sempre Pronto*».

O «93» foi fundado em 24 de Junho de 1934, por um grupo de sintrenses devotados ao problema da juventude, no número dos quais se contava o saudoso Dr. Jacinto Carreiro. A sessão inaugural, efectuada no Palácio Nacional, ficou memorável pela conferência pronunciada pelo então Presidente dos Escoteiros de Portugal, Sr. Dr. Sá Oliveira, e pela entrega ao Sr. Tenente Coronel João Luís de Moura, então Governador Civil de Lisboa, da Cruz Suástica de Ouro e do diploma de sócio honorário da A. E. P.

E memoráveis como a sessão inaugural, têm sido todas as outras actividades do Grupo, que tem contado sempre com a colaboração da Câmara Municipal da sua vila, dos Bombeiros, das Bandas de música da terra, do povo sintrense, com a grande lealdade dos seus escoteiros.

* * *

—Diga-me, prezado Chefe, qual o efectivo do Grupo?

—Presentemente dispomos de 26 escoteiros no 1.º escalão e 12 no 2.º.

E ante a nossa admiração por esta original divisão do efectivo, o Chefe Soares acentuou:

—No 1.º escalão encontram-se todos os escoteiros do activo, e no 2.º, todos aqueles que dispondo de 2 anos de bom e efectivo serviço não podem de momento colaborar activamente connosco. Aparecem sempre que podem e por isso não os podemos considerar afastados.

—Sem ser um efectivo famoso, é com certeza um animador número de escoteiros...

—Na verdade. Já porque as suas qualidades são excelentes, já porque nos sentimos de certo modo amparados com diversas provas de carinho, o certo é que não nos achamos descontentes com a actual situação do «93».

No ano de 1950, a tesouraria movimentou mais de 5 mil escudos, importância interessantíssima, pelo menos pelas dificuldades com que todos lutamos.

—E quanto a actividades?

—É norma deste Grupo que se realize um exercício no campo, tanto de verão como de inverno, no 3.º domingo de cada mês.

—Ideia interessante, ou vocês não estivessem na serra de Sintra...

—...ah! mas não julgue que só isso basta. Há ainda o facto de grande número dos nossos escoteiros serem bastante pobres, o que por vezes nos dificulta a saída. Mesmo assim, no ano de 1950, efectuámos 13 exercícios compreendendo seguimento de pistas, homógrafo, prestação de provas de classe, evoluções de patrulhas, jogos, primeiros socorros, etc. A todos estes exercícios compareceram 133 escoteiros. Destes, 2 foram exercícios nocturnos e outros 2 organizados pela Região Centro. O Grupo efectuou também um acampamento de Patrulha, levou a efeito o 1.º Acampamento Regional e comemorativo de 16.º aniversário e participou do Acampamento Nacional de Carcavelos, comparecendo a estes acampamentos 41 escoteiros.

—Só?...

—Não senhor. Participámos ainda de 2 desfiles, sendo um o do 1.º de Dezembro, efectuámos uma visita de estudo, com palestra, aos Palácios de Sintra, fizemos uma guarda de honra, participámos do III Cortejo de Oferendas e do Fogo de Conselho comemorativo do 5.º Aniversário do Grupo n.º 109 do C. N. E.

—E a Romagem à Batalha?

—Também efectuámos, este ano com 1 patrulha ciclista que passou por Caldas, Alcobaça, Fátima, Tomar e Santarém. Estes escoteiros tomaram parte nas solenidades realizadas no Mosteiro da Batalha, tendo sido, não só lá como em todo o percurso, bastante acarinhados.

E como esta simbólica actividade se reveste duma simpatia enorme, não resistimos à tentação de pedir ao nosso interlocutor:

—Conte aos leitores do «*Sempre Pronto*» o que é essa simpática actividade.

Pereira Soares, amàvelmente, acedeu:

—Com todo o gosto. Esta actividade foi efectuada pela primeira vez em 4 de Abril de 1938, saindo da sede uma equipa que depôs do Túmulo do Soldado Desconhecido azeite da região de Sintra para a «Chama da Pátria». Repetiu-se em 1940 para ser interrompida nos anos da guerra em que não podíamos efectuar a oferta. No entanto, reiniciámos este costume que de ano para ano provoca mais entusiasmo.

—Muito bem, mas conte agora os projectos!

—Muitos, como é natural. Os mais efectivos são, porém, os de manter as actividades efectuadas em 1950, comprar fardamentos para os que ainda o não possuem, visitar os Grupos da Região, numa jornada de camaradagem, reunir com os pais dos escoteiros e... parece que chega!

—Efectivamente! Desejamos, em nome do «*Sempre Pronto*» a real efectivação dessas actividades para cuja divulgação o nosso jornal é uma porta aberta. E agora, agradecia-lhe mais o favor de declarar qualquer opinião sobre o Acampamento Nacional de Carcavelos, o Congresso Mundial e a Escola de Guias.

—Comecemos pelo fim, pela Escola: achamos uma interessante, útil e indispenpensável ideia que gostaríamos de ver repetir-se. Quanto ao resto, posso afirmar-lhe a minha satisfação pelo bom trabalho que vi de todos os Grupos. Todavia, não posso deixar de anotar a pouca ligação que achei entre os nossos escoteiros e os Comissários Internacionais.

E voltámo-nos para os escoteiros, entre os quais escolhemos para primeira «vítima» o proposto Subchefe do Grupo, o E. S. Miguel Raposo Bicho, que afirmou:

—Achei o Nacional muito bom, mas sobre a vinda dos Comissários Internacionais a Sintra... lamento ter estado uma manhã inteira à sua espera!

—Nada mais!

—Talvez! Espero que a A. E. P. continue a trabalhar como de há tempos e que se não puder aumentar o ritmo dos seus empreendimentos... que seja sempre assim! E já agora, pode acrescentar que espero ficarmos em 2.º lugar nos campeonatos de voleibol do Grupo 1 e da Região!

E depois destas esperançosas observações, acabámos por interrogar o Paulo da Conceição Agostinho, secretário da Patrulha «Cão», que disse:

—Tenho 13 anos de idade e 1 e meio de prática escotista. Acho o Escotismo uma organização para só fazer o bem...

—Diz lá: que tens feito?

—Várias coisas. Isto é, tenho colaborado em tudo quanto tenho podido e por isso...

—...contas de futuro...

—...trabalhar cada vez mais e melhor!

E é, de resto, o programa do «93», de Sintra, um Grupo de escoteiros que vem trabalhando com segurança e do qual o Escotismo Nacional só tem a esperar MAIS e MELHOR.

CARLOS FERNANDO GARCIA

O ESCOTISMO NA CAPITAL

GRUPO N.º 94

Na sexta-feira, dia 11 de Maio, o «94» efectuou na sua sede uma festa, dedicada às famílias dos seus escoteiros, por motivo da Promessa do novo lobito Aires dos Santos Reis, e do Compromisso dos novos escoteiros Vítor Mateus e Fernando Augusto da Silva. A Promessa do novo Lobito foi tomada pela Chefe de Alcateia D. Gina Saraiva e dos novos Escoteiros pelo Chefe Capitolino Macedo, que dirigiu algumas palavras aos novos membros do Grupo e às famílias presentes

A festa terminou com poesias e canções apresentadas pelos escoteiros.

O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

BRASIL

1.º Acampamento Nacional de Chefes

De 15 a 17 de Dezembro passado a U. E. B. promoveu o seu 1.º Acampamento Nacional de Chefes que se efectuou do Parque Nacional de Itatiaia, Estado do Rio, onde se reuniram 34 Dirigentes, tendo executado um programa prèviamente estudado consistindo de trabalhos de campo, excursões, e ainda de úteis reuniões em que foram estudados e discutidos problemas de grande interesse para o Movimento.

Chalé do Chefe no Campo-Escola do Itatiaia

O acampamento acima referido encerrou com a inauguração oficial do Chalé do Chefe, construído naquele Parque para sede do Campo-Escola e que se encontra montado com um cunho acentuadamente escotista. Assistiram à inauguração os Srs. Dr. Wanderbilt Duarte, Director do Parque Nacional; Comissário Nacional Gelmirez de Melo; João Mós, Director do Campo-Escola; Major Léo Borges Fortes, representando o Conselho Interamericano de Escotismo; David de Barros, Director da Revista «Alerta!» e muitos outros dirigentes escotistas.

* ● *

Eng.º Jorge Pereira Jardim

Este nosso prezado Amigo, ilustre Presidente da Associação dos Escoteiros de Portugal, foi recentemente submetido a uma operação de apendicite na Liga dos Amigos dos Hospitais, encontrando-se já quase restabelecido, motivo porque o felicitamos sinceramente.

Um inquérito do «Sempre Pronto» aos seus leitores

Devem os escoteiros fumar?

Demos no último número este inquérito por encerrado. Porém, antes do nosso jornal ter chegado às mãos dos nossos leitores, chegou-nos mais este depoimento do nosso camarada João Lobo Miranda Trigueiros, um velho escoteiro, ainda há pouco Chefe da Região Sul. E publicamos com prazer este depoimento, porque o Chefe Trigueiros encara o problema de uma forma verdadeiramente escotista.

Não fumemos! Dai o bom exemplo, Escoteiros de Portugal!—grita do Algarve o E. C. D. João Trigueiros.

Devemos fumar?

Não devemos fumar?

O inquérito segue avante e oportuno.

Permitam-me, amigos, que, destas recônditas paragens do Algarve, lhes grite com todo o vigor dos meus velhos pulmões:

—NÃO!

O tabaco é necessário ao organismo?

—Não. O tabaco é nocivo.

Fumar é um vício?

—É.

Os escoteiros combatem os vícios. A sua melhor arma é o exemplo.

Quando era rapaz, fumava.

Nesse tempo *remoto* não havia escoteiros. Havia «boémios».

Era a moda...

Aí por volta dos doze anos, desejando fingir de homem, levado por maus exemplos, chupava detestáveis «paivantes», da marca «Fortes». Vinte por dez réis... Causavam-me náuseas. Derrancavam-me o estômago. Tiravam-me o apetite e o sono, mas, que diacho, de cigarro na boca, era, seguramente, um homem;—pensava eu.

Nesse tempo não havia Escoteiros-chefes. Mais tarde, comecei a olhar para a própria sombra. Foi a fase dos colarinhos altos, engomados, alvinitentes, imaculados e das calças irrepreensìvelmente vincadas. Sorria discretamente às pequenas, ostentando na boca, fumegante, um «Antonino», espetado no topo de uma boquilha comprida e muitíssimo artística.

Depois, na altura dos vinte e tal anos, na época do *podre de chic* (!), nas tardes em que era de *tom* descer a Avenida da Liberdade envergando o fraque, exibindo luvas amarelas, *plastron*, coco e *badine*, fumava cigarrilha de capa de tabaco, ou charutinho de dois tostões.

Um figurão, cavalheiros!

Ainda mais tarde, em Leixões, na fase desportiva e *inglesada*, exibi um formidável cachimbo, carregadinho de tabaco aloirado.

Ser chaminé ambulante era a moda em Matozinhos e em Leça de Palmeira.

Enfim, camaradas:—o tabaco foi o meu companheiro de muitos e muitos anos,—falso, cínico, cruel.

Um dia, porém, apesar dos meus trinta e sete bem puxados, ingressei no escotismo. A roda da vida tinha-me proporcionado ensinamentos. Estava chegada a hora de uma grande reviravolta, com tendência a aperfeiçoamento.

Encontrei-me n.º 1 de um grupo de escoteiros.

Estudei. Integrei-me.

O Escotismo combate os vícios?

—Vamos a isso!

Aos meus rapazes, entre outros conselhos, dizia que não devíamos fumar.

—Não sejamos escravos do vício!—clamava.

—O tabaco intoxica. O fumo do tabaco dá cabo dos brônquios e dos pulmões! A nicotina irrita os tecidos! Ataca a vista! É um veneno! Perturba o cérebro e derreia o coração.

O vício do tabaco é imoral, como todos os vícios!

O tabaco é um inimigo da vontade.

Vençamo-lo.

Não somos homens, só porque equilibramos um cigarro na boca.

Sejamos Homens, superando o vício do tabaco.

Convenci e convenci-me.

O chefe dá o exemplo.

Deixei de fumar. Em boa hora.

Hoje, amigos, liberto há vinte e seis anos do terrível vício,—benefício incalculável que devo ao escotismo, grito-vos, com todo o vigor dos meus velhos pulmões:

—Não fumemos!

Dai o bom exemplo, Escoteiros de Portugal!

JOÃO TRIGUEIROS

—Não fumemos, pois, Escoteiros! O exemplo do Chefe Trigueiros é prova de que o Chefe que fuma pode e deve deixar de o fazer para dar um bom exemplo aos seus escoteiros.

NO PRÓXIMO NÚMERO:

Um novo inquérito — Devem os Escoteiros-Seniores substituir o calção-escoteiro?

CARTA DE PARIS

O ESCOTISMO FRANCÊS EM MARCHA

A última guerra, escusado será dizê-lo, deixou traços profundos na juventude. Infelizmente numa contrariedade desesperadora, os gostos desses jovens mudaram até às suas bases quando da partida dos seus Chefes para a guerra, a prisão de um grande número deles e a ocupação estrangeira impediram o escotismo francês de se lançar nas reformas que lhe permitiriam adaptar-se à juventude à qual era destinado. O movimento escotista só pôde procurar, além de esforçar-se por sobreviver—mesmo apesar da oposição do inimigo—e de conservar os seus membros, o aliciamento de novos adeptos, objectivo que foi perfeitamente atingido, pois que, longe de diminuir, o número de escoteiros aumentou em todo o país.

Depois da Libertação, as reformas impunham-se. Porém, não foram feitas durante os dois primeiros anos que se seguiram à retirada do inimigo, porque esse espaço de tempo foi consagrado ao estabelecimento de planos (convinha caminhar inteligentemente e não lançar-se na aventura) e à preparação do «Jamboree» da Paz. Só depois vieram as reformas. Foi assim que foram lançados pelos *Scouts de France* os RAIDERS de que, lembramo-lo, o objectivo essencial é «permitir aos rapazes desempenhar cargos habitualmente reservados aos homens».

Porém, não passava despercebido que o Escotismo recrutava os seus elementos sobretudo nas grandes cidades. Isso era normal, porque era um meio desses rapazes seguirem uma formação sã.

Ora, justamente, o Escotismo não é um passatempo. É um movimento destinado a FORMAR a juventude. Tem pois muitas responsabilidades e não tem o direito de esquecer ninguém, nem nenhuma nação, nem nenhuma raça, nem a mais alta classe social. É por este motivo que os *Scouts de France* decidiram este ano entregar-se ao trabalho de propagar o Escotismo nos meios rurais. É evidente que eles não atingirão esta finalidade sem eliminarem numerosas dificuldades, mas nem tudo pode ser fácil neste mundo. Há inúmeros aglomerados rurais e por isso, em virtude do número de rapazes ser insuficiente nessas localidades, é impossível fundar grupos. Mas que tem isso? Quando isso acontecer, organizar-se-á ao menos uma patrulha e é isto que deu o nome ao novo movimento: PATRULHAS LIVRES. Vê-se que a célula fundamental do Escotismo no meio rural não será obrigatòriamente o grupo, mas, quando necessário, a patrulha.

Devemos dizer que este movimento é extremamente flexível, o que contribuiu para que se decidisse formar as PATRULHAS LIVRES DA SEGUNDA-FEIRA para os empregados das padarias, das pastelarias e dos talhos, porque é à segunda-feira que estes estabelecimentos estão fechados em França. Para as escolas técnicas, centros de aprendizagem... existiriam as patrulhas livres nocturnas, etc.

Quando for possível e a fim de lhe assegurar um enquadramento útil, a patrulha livre será agregada a um dos grupos mais próximos, ao qual ela poderá recorrer quando o desejar. Mas isto não impedirá estas patrulhas de se governarem a si próprias. Em geral acamparão com os grupos que as apadrinham e o compromisso dos seus escoteiros será feito debaixo da orientação do Conselho de Guias desses grupos. Mas o que caracterizará estas patrulhas é a sua independência e a responsabilidade quase total do seu guia.

Mais tarde, os acampamentos nacionais permitirão úteis intercâmbios às patrulhas. Acampamentos especiais de formação serão destinados aos guias das patrulhas livres.

A própria técnica escotista terá de ser adaptada a estes rapazes, tão diferentes dos rapazes das cidades. Um programa de competição em que o trabalho de cesteiro, de

MAIS NOVIDADES DO "JAMBOREE„ DE SALZBURGO (ÁUSTRIA)

Aproxima-se o dia em que acorrerão a Salzburgo 18.000 escoteiros de quase todos os países do mundo, que ali vão participar no VII «Jamboree» Mundial. Já faltam menos de dois meses para que esse facto se transforme numa maravilhosa realidade. Não é pois de estranhar que comecem agora a chegar com mais insistência notícias dessa grande actividade escotista, que permitem irmos fazendo as nossas conjecturas sobre o que será a organização e por conseguinte a importância da grande reunião escotista.



Não há dúvida de que os escoteiros estão empregando todos os seus recursos para que o Jamboree ofereça aos forasteiros que ali vão acorrer todas as condições de agrado e de eficiência, que transformem os dias em que estarão ali em momentos inolvidáveis na vida de cada um.

O emblema do «Jamboree»

A gravura que ilustra estas colunas representa o emblema do próximo Jamboree, que será usado por todos escoteiros que forem a Bad Ischl. É da autoria do E. C. Alfredo Richter, apreciado pintor austríaco, e mostra-nos, como já dissemos noutro número, uma flor de lis ligada a um tambor de boca, antigo instrumento musical da Áustria.

A título de curiosidade, diremos que o tambor de boca, também denominado ferro vibrador, é um instrumento primitivo e consiste numa mola de aço que se põe em movimento com os dedos, a qual está entalada numa pequena placa de ferro com o feitio de uma ferradura, que se segura com os dentes. As melodias tocadas com este instrumento têm um acento de uma melancolia invulgar.

O tambor de boca está quase posto de parte na Áustria, conquanto seja exportado em grandes quantidades para o estrangeiro, onde, pode dizer-se, é mais usado que no país de origem, no qual só raramente se ouve tanger pelos vales dos Alpes.

A região do «Jamboree»

Salzkammergut, onde se vai realizar o «Jamboree», é uma das mais belas regiões da Áustria. Rodeando lagos maravilhosos, erguem-se numerosas montanhas que emprestam aos panoramas um encanto verdadeiramente paradisíaco.

O acampamento realizar-se-á num campo de golfe a 550 metros de altitude, em Bad Ischl, antiga residência imperial de verão, que está no meio de montanhas com bosques frondosos, donde se organizam excursões nas montanhas, românticos passeios em caiaque, digresões de lago em lago, etc., etc.,

Salzkammergut é considerada como das mais lindas regiões de toda a Europa.

A organização do acampamento

Já estão fixados, na sua maioria, os locais para a instalação dos subcampos. Uma grande estrada, que ligará o acampamento à estrada de Bad Ischl a Salzburgo, foi construída durante o inverno. Presentemente espera-se que termine a época dos gelos para se fazerem as canalizações.

Alojamentos para os visitantes

Destinados aos visitantes do «Jamboree», tais como pais e amigos dos escoteiros, lobitos, etc., estão sendo preparados alojamentos que oferecerão magníficas condições de comodidade e economia. Para esse efeito, serão postas à disposição dos escoteiros algumas escolas na cidade de Salzburgo.

O programa do «Jamboree»

O «Jamboree» será inaugurado na tarde do dia 3 de Agosto e o programa apresenta ainda algumas disposições de certa envergadura. Ei-las:

Dia 4—Dia destinado a visitas.
Dia 5—Dia para visitas, serviços religiosos e reunião das Associações Cristãs da Mocidade.
Dia 6—Recepção dos chefes das delegações pelo governo federal. À noite realiza-se o primeiro grande fogo de conselho, só com a presença dos escoteiros e dos representantes do governo federal.
Dia 8—Começo do concurso de construção de pontes.
Dia 9—Reunião Gilwell.
Dia 11—Dia para visitas, grande fogo de conselho com a presença do público.
Dia 12—Dia para visitas e serviços religiosos.
Dia 13—Festa de encerramento.

Também haverá na arena do campo exibições de escoteiros dos diversos países. Além disso uma conhecida orquestra austríaca dará um concerto e é possível que os Pequenos Cantores de Viena dêem também a sua colaboração.

O número mais importante da festa de abertura será a construção de sete torres por um grupo austríaco de cada um dos sete subcampos. As torres serão dispostas em ziguezague e ligadas entre si por pontes de corda com o comprimento de 4 metros. Cada uma simbolizará um dos sete «Jamborees» realizados. O «Jamboree» de 1951 será solenemente aberto na sétima torre.

Serviços Religiosos

Para os dois domingos estão previstos serviços religiosos para os membros das confissões cristãs católica e evangélica, assim como para os membros de outras religiões nos dias em que estes o desejarem.

Um filme do acampamento

Deste «Jamboree» será feita uma completa reportagem cinematográfica.

---

ferreiro, de tratamento de árvores, criação de coelhos e de pombos-correios, substituirá o futebol, o boxe, etc. O cavalo, o tractor e os camiões fornecerão bastantes oportunidades para o treino destes jovens.

Como os trabalhos de campo mobilizam estes rapazes durante todo o verão, terá de se insistir nos acampamentos da Páscoa e de inverno,

Numerosos fogos de conselho vão brilhar por todo o país! Novas canções vão ressoar pelos campos!

O Escotismo, em França, não faz senão recomeçar!

Paris, Março de 1951.

FRANÇOIS BARADEZ

REVISTA "ALERTA!„

Esta interessante revista escotista, órgão do Escotismo brasileiro, a que nos temos já referido e se encontra à venda nesta Redacção, teve a gentileza de se referir, no seu número de Janeiro-Fevereiro, ao 6.º aniversário do «*Sempre Pronto*», e fê-lo com expressões de simpatia e apreço que muito nos sensibilizam.

Ao agradecermos as felicitações expressas, retribuímos os votos de longa vida e saudamos afectuosamente o seu Director e o seu Gerente, os nossos estimados amigos Chefe David M. de Barros e Chefe Eurípedes da Rosa.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

SECÇÃO TÉCNICA

Como deves manejar o machado

Após uns meses de gazeta, cá estamos outra vez para continuarmos os nossos conselhos sobre o uso do machado.

Os possuidores deste utilíssimo

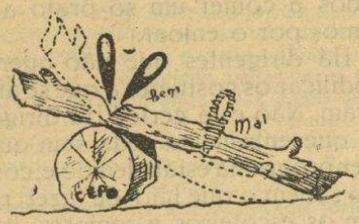


Fig. 1

apetrecho devem observar os maiores cuidados no seu uso. De contrário, perderá grande parte da sua eficácia e constituirá um sério perigo. Para evitares todos estes inconvenientes deves seguir as seguintes instruções:

Em primeiro lugar, unta ligeiramente o gume do machado e faze-lhe uma bainha. É o meio mais seguro para o conservares em bom estado. Outra recomendação importante: ao acabares de te servir, não o arremesses para qualquer lado (se caír num sítio húmido, o gume sofrerá deterioração), nem o craves no chão (as pedras aí disseminadas abrir-lhe-iam bocas). Muito menos o deves fixar numa árvore, ainda que seja só por curtos momentos (lembra-te do 6.º artigo da Lei).

Arranja um cepo, e terás um *óptimo sítio para cravares o machado.*

Ao servires-te do machado atende ainda a estes pormenores:

Os pequenos pedaços de madeira para cortar devem ser colo-



Mal Fig. 2 Bem

cados, para esse trabalho, sobre um toro. Se fizeres isso no solo, o machado, depois de atravessar a madeira, poderá tocar com o gume no chão, sofrendo mossas provocadas por pedras.

O ferro deverá caír na parte do graveto assente no cepo, para evitar que a elasticidade da madeira atenue o poder do golpe (v. fig. 1).

Para partires os troncos de grossura considerável, deves, porém, proceder da seguinte maneira: segurando-o com firmeza pela ponta superior, assenta a outra ponta no chão, verticalmente. No ponto por onde queres quebrar o tronco, aplica-lhe um golpe oblíquo; no lado oposto, um pouco acima, dá-lhe novo golpe. Depois bastará dobrá-lo para se partir em dois.

Os troncos mais grossos, esses devem ser atacados com repetidos golpes oblíquos com a inclinação de cerca de 60 graus (v. fig. 2).

Não é necessária grande força muscular para trabalhar com o machado. O ferro deve ter um peso tal que baste a sua queda para cortar a madeira. O rachador da lenha, não terá então mais que fazer senão dirigir a queda do gume.

Os ramos das árvores devem ser cortados do lado exterior do ângu-



Fig. 3

lo formado pelos ramos e o tronco principal da árvore (v. fig. 3). O golpe desferido pela parte interna, pode abrir brecha na árvore, deixando-a em mau estado (v. fig.3-A).

* * *

Outros pormenores que deves ter em atenção:

1.º — Só lançarás mão do machado quando o teu chefe to permitir. O machado é um utensílio perigoso.

2.º — *Não abaterás nenhuma árvore* sem que tenhas para isso autorização expressa e os *conhecimentos necessários* para efectivares esse perigoso trabalho.

3.º — Se o ferro do machado aquecer muito durante o seu uso, pára um pouco.

4.º — Se o ferro se desmanchar,



Fig. 3-A

bate com a ponta do cabo (a qual não deve ser aguçada) num cepo.

5.º — Não cortes a lenha fazendo voltear o gume do machado na direcção do pé ou da mão que segura a madeira.

6.º — Tira primeiro os pregos à madeira usada antes de a cortares.

7.º — Depois de um grande trabalho, não deixes de untar o gume.

8.º — O lado plano do ferro (oposto ao gume) pode ser usado como martelo mas *só em trabalhos ligeiros.* Os choques muito violentos deformam o *olho* (v. artigo anterior) e, então, o cabo fende-se e desmancha-se.

9.º — Se o cabo se partir junto ao ferro, retira o bocado de cabo que fica dentro do ferro, carbonizando-o. Contudo, enterra o gume em terra molhada (para não se destemperar), e farás uma fogueira sobre a parte do ferro descoberta (v. fig. 4).

10.º — Para transportares o machado sem bainha, leva-o na mão,

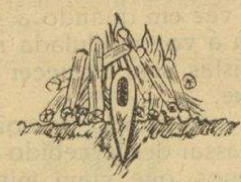


Fig. 4

mas evita a forma habitual de o segurar pela ponta do cabo. Segura-o antes pelo ferro (gume voltado para a frente). Ou então enfia-o no cinto, suspenso pelo ferro, ATRÁS de ti. Não o coloques nem de lado nem à tua frente.

São estes os principais cuidados que terás de ter com este útil apetrecho. Procedendo assim contarás sempre com um machado em condições excelentes de utilização.

E agora bons acampamentos!

PINGUIM DO MEIO-DIA.

Ciência e... Paciência

PROBLEMA N.º 9

Quais são as palavras que com a terminação «METRO» servem para avaliar ou medir: o frio e o calor; a intensidade da luz; as profundidades do mar; a densidade de uma solução salina; a camada de chuva caída; a potência eléctrica; a distância percorrida por um navio; as distâncias percorridas; o alcool nas bebidas alcoólicas; a quantidade de alcool absoluto contido nos líquidos.

PROBLEMA N.º 10

COMPLICAÇÃO GEOGRÁFICA

Forme o nome de uma terra portuguesa com as letras da seguinte frase:

A LIZ VEM À VONTADE

Solução do problema n.º 7

Malmequer — armadilhas — gansos — aprisionadas — dedaleiras — piroforo — anão.

QUANDO A RAPOSA ANDA AOS GRILOS MAL DA MÃE MAS PIOR DOS FILHOS

A PERMANÊNCIA DE MENORES NAS TABERNAS

Já em Julho do ano passado, pela pena de um dos nossos redactores, o «*Sempre Pronto*» se insurgiu contra essas mesas de futebol de que os proprietários das tabernas se servem para arrancar aos rapazes dos liceus e das escolas o dinheiro que os pais lhes confiam para as despesas com transportes e lanches.

Não certamente pela nossa modesta voz, mas com certeza pelos foros de escândalo que o caso vinha tomando, foram agora ordenadas medidas convenientes para acabar com essa pouca vergonha. A notícia veio nos jornais do dia 12 de Abril e diz-nos que a Polícia Judiciária correu com a sorte a esses comerciantes pouco escrupulosos e informa-nos ainda que puni-los-á devidamente se reincidirem na traficância com menores.

Realmente, era desolador, para quem percorre as ruas de Lisboa, ver a garotada dos liceus reunir-se nesses antros e perder a transmontana e as aulas, embebidos no, por sinal, bem desengraçado jogo. Quase bradava aos céus que esses rapazes, ao iniciar da vida, já andassem de gorra com a chusma dos frequentadores das locandas.

É claro que aos tasqueiros, mais atentos às *burras* que a sentimentos de moralidade, a jogatana desenfreada calhava como sopa no mel e era ver arregalarem-se-lhes os olhos ao enxergarem a estudantada a entrar nas lojas, níquel na mão, para começar as partidas.

Não temos conhecimento do ponto de corrupção a que chegaram esses rapazes, mas, sabedores da influência que os ambientes têm sobre a juventude, não nos custa crer que alguns de entre eles, de paivante ao canto da boca e maneiras desengonçadas, já adiantassem de vez em quando a sua *tirada*, com a voz modulada no estilo dos fadistas, sem esquecer o arrote da praxe.

Mas este estado de coisas não podia passar despercebido aos pais dos alunos, que viam minguar as notas dos seus filhos na medida em que as faltas engrossavam; e os murmúrios começaram a soar. Os donos das baiucas, cuidosos de conservar os réditos chorudos, não se importavam com a lamúria e faziam-lhe orelhas moucas, esfregando as mãos de contentes. «*De quem é a culpa? Se calhar somos nós que os chamamos cá?*» diriam, desabafando, quando lhes chegavam aos ouvidos os primeiros desacordes.

Mas os murmúrios descambaram em escândalo e foi a vez da Polícia intervir. Os agentes apareceram um dia surrateiramente nas locandas e vá de dar os jogos por terminados, como qualquer árbitro no futebol, mas sem deixar de pregar valentes descalçadelas, tanto nos alunos gazeteiros, como nos *inculpados* negociantes.

Esta intervenção é de enaltecer e os seus resultados são evidentes de mais para que os tenhamos de apontar. Embora o *defeso* tenha vindo mais cedo do que pensavam os jogadores, é certo que eles a seu tempo verão que só tiveram a lucrar com a medida. É que isto a continuar, veríamos a breve trecho os arredores das escolas e liceus pejados de lojecas, tal como já vemos há muito os hospitais rodeados de cangalheiros prestimosos, farejando o negócio da China.

Os chafariqueiros doravante terão de buscar noutros expedientes a compensação para a quebra nos proventos. Talvez um pouco de água no vinho seja a solução adoptada... Mas, vamos lá, a zurrapa será de efeitos menos perciciosos nos *copofones* que a jogatana no rapazio imprevidente.

J. R.

N. da R.—Depois de composto este artigo, os jornais diários publicaram a notícia de que o Sr. Ministro do Interior proibira a partir de 1 do corrente os jogos de futebol de mesa nos recintos públicos, em virtude dos prejuízos que eles causavam aos menores.

Tal notícia é de molde a causar verdadeiro regozijo aos pais e a todos aqueles que se interessam pela educação. De facto, perante tão perniciosa fonte de atracção, a medida tomada justifica-se plenamente e merece os agradecimentos de todos nós.

À volta das Evoluções de Patrulhas

Não pretendo com estas simples palavras dirigir censuras ou citar nomes, nem tão pouco, como diz Baden-Powell, ensinar minha avó a comer um ovo, ou melhor, não darei novidades, pois «tudo é velho debaixo do sol»—como diz o Eclesiastes—, mas sim apontar erros que se estão cometendo, no convencimento de que se trata de uma grande técnica.

Começo, pois, pelo que julgo um dos principais erros:

I—EVOLUÇÕES DE PATRULHA

> «...*Escoteiro não tem significação militar. Contar consigo próprio e saber livrar-se de dificuldades são atributos essenciais dos escoteiros... Não tenho a menor intenção de fazer, dos nossos jovens, soldados, nem lhes provocar sede de sangue.*—**Baden-Powell**».

«Direita, esquerda, meia volta, volver! Marcar passo! Em frente, marche!» Eis o que tantas vezes vemos em reuniões e concentrações escotistas. Isto é um dos piores hábitos de uma grande parte dos nossos dirigentes. No entanto, os nossos escoteiros continuam a marchar mal, mesmo muito mal. Há quem afirme, aliás não duvido, que «água mole em pedra dura, tanto bate até que fura», todavia, como a máxima nem sempre se pode aplicar, para o nosso caso também não serve. Quanto mais insistirmos, tanto pior, porque quando somos obrigados a comer um só prato acabamos por o enjoar.

Há dirigentes que não querem modificar os costumes a que se aferraram. Não está certo! Há dirigentes que entram na sede sem qualquer programa estabelecido e, como não sabem o que hão-de fazer, reúnem os escoteiros e seniores, tudo em conjunto, para evoluções de patrulhas.

Quando o Chefe ou qualquer outro Dirigente organizar de véspera um programa geral, ou mesmo parcial, para a reunião seguinte, o trabalho render-lhe-á muito mais, porque chega ao grupo já com a certeza do que pode realizar, e sem qualquer vacilação entregar-se-á à actividade projectada.

Se o jogo é estímulo de toda a actividade infantil, a expressão do seu irrequietismo e da sua vivacidade, porque não utilizá-lo como condutor de toda a instrução exterior? Porque empregar métodos que se tornam monótonos e sem interesse? Se se aprende melhor morse jogando-o, porque não se há-de aprender evoluções, homógrafo, enfermagem, orientação, leitura de cartas, etc., jogando também.

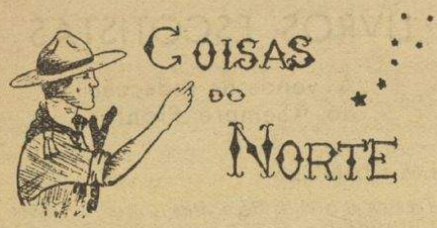
É necessário não esquecer que o Escotismo é um grande jogo em que dirigentes e dirigidos são participantes e, portanto, tenhamos um lugar para cada jogo e um jogo para cada instrução.

—Não tenho tempo!—respondem uns.—Não tenho livros,—acrescentam outros. Há tempo para tudo e até para não fazer nada. O tempo é uma das desculpas por que se tenta justificar inferioridades. Dos livros é indesculpável, porquanto há livros, como em breve provarei com um catálogo sobre bibliografia escotista em português.

Vou terminar, companheiros, isto já vai longo, mas antes de o fazer, quero lembrar a seguinte frase que um anónimo escreveu: «Na mesma casa e na mesma família há falta de espaço para conhecer o valor de cada um». E eu acrescentarei:—Assim também em alguns dos nossos Grupos há falta de estímulo para qualquer iniciativa.

Sempre vosso,

J. Estêvão da Silva
E. S.



O Norte não está morto. A falta de notícias não revela falta de actividade dos Grupos. As notícias passarão a ser dadas ao «*Sempre Pronto*» pelo seu delegado no Norte. Pena é que durante tanto tempo a falta de notícias do Norte no nosso jornal, deixe a impressão de desinteresse ou falta de acção. O Norte está vivo e pronto a alimentar a «chama» que, infelizmente, tantas vezes tem afrouxado de intensidade. Mas, como sempre se verifica, «depois da tempestade vem a bonança», aqui continuaremos, quais timoneiros dedicados, a manobrar e conduzir o «barco» e evitar o naufrágio, apesar de tantas vezes os ventos terem soprado forte e terem mudado de rumo várias vezes.

DIA DE S. JORGE

A Região Norte comemorou, condignamente, o dia de S. Jorge. A concentração foi feita no Grupo 44 onde se realizaram as cerimónias. Pelas 22 horas, conforme determinação, chegaram os Grupos 15 e 91, dirigidos respectivamente pelos seus Escoteiros-Chefes, sendo recebidos pelo Grupo local, sob a direcção do seu Escoteiro-Chefe.

Formados os Grupos à volta da sala, artisticamente ornamentada, tendo à sua frente as bandeiras Nacional, Regional e dos Grupos ali representados, tomou a palavra o Escoteiro-Chefe do Grupo 15, Vidal dos Santos, que exaltou as qualidades do Patrono dos Escoteiros, e numa vibrante alocução vincou o dever dos rapazes na sua conduta, no seu exemplo e na sua vida. Seguidamente falou o Escoteiro-Chefe do Grupo 91, Arnaldo Couto, que frisou a boa camaradagem de que o escotismo tanto necessita para o seu desenvolvimento e finalmente falou o Escoteiro-Chefe do Grupo 44, António Pinto Moreira que afirmou a sua lealdade ao Movimento e aos seus colegas Chefes para a continuação e progresso do Escotismo.

A seguir, numa cerimónia simples mas cheia de significado, os Chefes renovaram a sua Promessa, gesto que foi seguido por todos os Escoteiros. Finalmente, numa exaltação patriótica, os escoteiros cantaram com entusiasmo o hino Nacional, finalizando assim as comemorações do dia do seu Patrono.

Após os cumprimentos usuais, os escoteiros regressaram aos seus respectivos Grupos.

PELOS GRUPOS

GRUPO N.º 15

Este Grupo está em franca actividade, tendo a Patrulha «Cuco», sob a direcção do seu guia Alberto Nogueira, bivacado já no dia 8 do corrente. Toda a Patrulha aproveitou bastante com esta saída para o campo, pois os trabalhos realizados foram de molde a aumentar os seus conhecimentos escotistas.

Aniversário

Devido à reunião do dia de S. Jorge, não pôde o Grupo 15 celebrar naquele dia, como de costume, o seu aniversário.

Entretanto, fê-lo solenemente no passado dia 26. Pelas 21,30 horas, já o salão do 15 apresentava um ar festivo, quer pelo entusiasmo dos Escoteiros, como de algumas senhoras que nunca se esquecem daquela data, para com a sua presença animar os briosos Escoteiros.

Depois das saudações usuais, o Chefe Vidal dos Santos, numa simpática alocução, referiu-se ao significado daquela festa, focando especialmente as actividades que no decorrer do ano foram realizadas e dos deveres que a cada escoteiro cabia para dignificar o Grupo o que equivaleria a dignificarem-se a si próprios. Terminou agradecendo a comparência dos Chefes e de outras pessoas presentes.

Seguidamente, convidou os Chefes e Adjuntos dos Grupos 44 e 91 a colocarem estrelas no peito de alguns escoteiros que completavam mais um ano de serviço.

Usaram ainda da palavra os Chefes António Moreira e Arnaldo Couto, após o que foi servido um Porto de Honra, tendo-se cantado canções e o escoteiro Rui deliciado a assistência com diversas melodias tocadas ao piano.

Após os Hinos da A. E. P. e «A Portuguesa», foi dada por finda a festa.

GRUPO N.º 44

Este Grupo depois das transformações porque passou a sua sede, está em franca actividade. Sabemos que o seu Escoteiro-Chefe está verdadeiramente interessado na realização de algumas actividades com as quais, certamente, todos irão aproveitar bastante.

GRUPO N.º 91

Este Grupo está também a progredir largamente, sob a direcção do seu Escoteiro-Chefe. No dia 8 do mês findo, teve a a primeira saída deste ano numa excursão de exploração aos terrenos situados na costa entre S. Paulo e a Praia dos Lavadores. Foi uma excursão agradável, tendo sido superiormente dirigido pelo seu Chefe, Arnaldo Couto.

CASAMENTO

No passado dia 25 de Março efectuou-se o enlace matrimonial da Sr.ª D. Eugénia da Silva Freitas, filha da Sr.ª D. Ana Freitas, e do Sr. Manuel Freitas, conhecido industrial de Alcântara, com o nosso amigo e colaborador Sr. Óscar Dias Ferreira, filho da Sr.ª D. Mária Ferreira e do Sr. Manuel Ferreira, e neto do comerciante do mesmo bairro, Sr. Teotónio Dias.



O «*Sempre Pronto*» expressa aos noivos votos de muitas felicidades.

• • o • •

Dos Amigos do "Sempre Pronto,,

Nascimento—O lar dos nossos amigos Sr.ª D. Maria dos Santos Rosado e de seu esposo Sr. Luís Filipe dos Santos Rosado, dedicado assinante do «S. P.», foi enriquecido em 22 de Abril p. p., com um engraçado bebé, a quem foi dado o nome de Luís Filipe.

Apresentamos parabéns aos felizes pais e desejamos muitas venturas ao bebé.

CURIOSIDADES

No século XVI, entrou em Portugal a imprensa de Gutenberg, trazida nos caixões das azêmolas.

• •

Somam a cifra de setenta mil os livros escritos sobre a história de Napoleão.

• •

Coincidência notável: o épico Camões nasceu em 1524, faleceu a 10 de Junho de 1580 com 56 anos.

Vejamos os números de ordem das letras alfabéticas que formam o nome de Camões. Somando dão-nos o número 56. Exactamente a idade que viveu o poeta.

C — 3
A — 1
M — 13
Õ — 15
E — 5
S — 19
56

• • o • •

PUBLICAÇÕES

Ensaios de Combate à Mortalidade Infantil em Castelo Branco

A Liga Portuguesa de Profilaxia Social, com sede no Porto, prossegue na sua benemérita acção promovendo conferências sobre problemas do maior interesse nacional, que depois publica para que tão úteis estudos alcancem uma maior divulgação.

O último estudo publicado refere-se à conferência que o Sr. Dr. José Lopes Dias efectuou em 30 de Novembro passado sobre o título acima e que foca um problema social de grande oportunidade, apresentando resultados de uma bem orientada campanha em que o distinto médico alcançou grande êxito no Distrito de Castelo Branco onde é Delegado de Saúde.

Agradecemos o exemplar oferecido.

• • o • •

IMPRENSA

Jornal do Pescador

Este mensário, órgão das Casas dos Pescadores, entrou em Abril no 13.º ano de publicação. Por tal motivo endereçamos-lhe as nossas felicitações, formulando votos de uma vida longa.

• • o • •



D. Conceição Garcia Santos

Em 11 de Maio p. p. faleceu esta Senhora saudosa esposa do nosso estimado amigo Sr. Prof. Júlio Santos, Chefe do Grupo n.º 13, a quem apresentamos condolências muito sentidas.

Não se obtém disciplina castigando uma criança por causa de um mau hábito, mas substituindo-o por outra ocupação melhor, que lhe absorva a atenção e gradualmente o faça esquecer e abandonar o velho hábito.

B.-P.



O ESCOTEIRO É GENEROSO E VALENTE

Quando à tua porta, ou quando fores de passeio, vires um escoteiro, não te rias dele; procura antes compreendê-lo e sabe que em muitas ocasiões te poderá ser útil.

Se nalguma ocasião quiseres desabafar qualquer mágoa que sintas e não tenhas com quem, dirige-te a um desses escoteiros que terás nele um amigo que te confortará na tua dor.

* * *

Ouve-se tocar o sinal de alarme; a sereia dos bombeiros faz-se ouvir, dando assim a conhecer às multidões que algo de anormal está acontecendo. Todos se olham instintivamente e perguntam o que teria acontecido.

Enfim, aparece um que sabe o que foi: A casa do ti Zé da Quinta de Baixo (nome por que o senhor José da Granja era conhecido na pequena aldeia do Zêzere), estava ardendo.

Toda aquela multidão se deslocou e acorreu à casa do ti Zé, para ver se conseguiam extinguir o fogo, ou pelo menos, salvar alguma coisa das chamas.

Dentro em pouco os bombeiros de uma cidade próxima da aldeia paravam defronte da casa do ti Zé.

Junto aos bombeiros vinham uns extravagantes rapazes que usavam calções curtos em vez de calças, no pescoço traziam um lenço e, enrolada e presa ao cinto, uma fina mas sólida espia.

Alguns espectadores daquela triste cena, que em vez de auxiliarem a salvar alguns bens se tinham limitado a assistir, ao verem estes estranhos rapazes sorriam-se e desdenhavam deles, até que um mais ousado se dirigiu para eles e os mandou vestir umas calças, oferecendo-se mesmo para lhes emprestar dinheiro para comprar umas.

Entre si perguntavam quem seriam aqueles rapazes que acompanhavam os bombeiros. Que estranhas criaturas eram.

Entretanto, os bombeiros, secundados por esses rapazes, atacavam o fogo com energia e heroicidade. A maior parte dos bens mobiliários não se podia já salvar.

De súbito ouve-se um grito repassado de dor. Todos se voltam para o lado donde ele partiu e viram alguém, que todos reconheceram ser a filha do ti Zé da Quinta de Baixo, que, com a voz embargada pelos soluços, pedia que lhe salvassem um filhinho que estava dormindo num quarto que ficava situado no segundo andar.

Ouvia-se já o crepitar da madeira, indicativo seguro do próximo desabamento. Os próprios bombeiros se recusavam a entrar lá.

Foi então que um daqueles estranhos, tão desdenhados pelos circunstantes, não precisando de ouvir segundo apelo, ràpidamente desprendeu do cinto a corda que aí trazia enrolada, e prendendo uma das extremidades em volta da cintura, colocou o lenço em redor do nariz. Enquanto este fazia o que descrevemos, um outro molhava-o para que ao entrar no braseiro as chamas não se lhe pegassem ao fato.

Feito isto correu para dentro da casa, subindo as escadas velozmente. Todos sentiram um nó na garganta ao verem aquele rapaz a correr afoitamente para o meio das chamas.

Enfim, encontrou o quarto onde o petiz, deitado no seu berço, chorava rodeado pelas chamas e, então, pegando na criança, dirigiu-se à pressa para a saída.

Já exausto de forças e sufocado pelo fumo, julgava chegada a sua última hora. Num ápice veio-lhe ao pensamento que tinha de salvar aquela criança para alegria dos seus pais. Esse era o seu dever. Com esta ideia fixa na mente recobrou forças e passados momentos encontrava-se na rua, aclamado por todos que tinham presenciado o seu acto heróico. O neto do senhor José da Granja estava salvo devido ao esforço sobre-humano daquele valente rapaz.

Todos notaram que ele vacilava e prestes correram a amparà-lo, para lhe oferecerem os seus cuidados, notando contristados que ele se achava muito queimado.

Em breve, graças à aragem fresca que corria, ele reanimou-se e, sorrindo, pensava que tinha cumprido bem o seu dever.

Havia lágrimas nos olhos de todos os circunstantes, até naqueles que quando os viram tinham desdenhado. Todos bendiziam o ventre que o tinha gerado e lhe lançavam bênçãos.

O senhor José da Granja, abraçando-o, dizia-lhe que pedisse o que quisesse que lho daria.

O rapaz respondeu que nada queria, que tinha apenas cumprido o seu dever de escoteiro, não se importando de arriscar a vida pela de outrem. Tinha cumprido a sua lei que manda ser **amigo de todos,** ainda que seja dos seus inimigos e posto em prática o seu lema tão bonito, que só em si encerra tudo quanto há de mais belo nesta vida: «SEMPRE PRONTO».

Desde, então, quando algum escoteiro passa por aquela aldeia todos o veneram e respeitam, visitando os seus acampamentos, tendo bem fixa na ideia o acto de outro valente escoteiro que arriscou a vida para salvar a de um pobre inocente.

Tomemos, pois, o exemplo deste nobre carácter para que sejamos sempre uns óptimos escoteiros, cumpridores da sua lei e do seu lema: «SEMPRE PRONTO».

FERNANDO SANTOS
FALCÃO NEGRO
Escoteiro do Grupo 36, de Tomar

O Escotismo é uma grande Fraternidade—um plano que na prática derruba diferenças de classes, credos e regionalismos, através do indefinível espírito que o invade — o Espírito dos Cavaleiros de Deus.

B.-P.

• •

Em síntese, o objectivo do nosso Escotismo é cativar o espírito dos jovens em plena fase de ardente entusiasmo, orientá-lo no bom caminho e estimular o desenvolvimento da sua individualidade.

B.-P.

LIVROS ESCOTISTAS

À venda na redacção do «Sempre Pronto»

EM FRANCÊS

Tresses et Nœuds décoratifs	15$00
Les Ponts	15$00
Aventures Africaines, de B.-P.	22$00
Franchis l'obstacle, de B.-P.	22$00
B.-P., por E. E. Reynolds	21$00
Jeux d'Eclaireurs, de B.-P.	22$00
Pour devenir un homme, de B.-P.	22$00
Les 1001 activités de l'éclaireur, de B.-P.	21$00
Le livre des Eclaireuses, de B.-P.	23$00
Le Guide du Chef Eclaireur, de B.-P.	16$50
Le Manuel du Chef de Patrouille, Hillcourt	25$00
Santé, Education Physique, Sports, Contrôle Médical	4$00
Eclaireurs, (Tradução francesa do «Scouting for boys»)	23$00
Pistes de Jungle, (caderneta do lobito), muito ilustrada a cores	15$00

EM ESPANHOL

Rovers, de Gilcraft	20$00
Lobatos, de Gilcraft	20$00
Montañismo, Novidade Literária, a esplêndida obra de Enrique Genovés, muito ilustrada	35$00

EM PORTUGUÊS

Aplicando o sistema de patrulhas, de E. E. Reynolds, esclarecedora história exemplificando o sistema de patrulhas, edição brasileira	4$00
O Guia do Chefe Escoteiro, de Baden-Powell, a obra do Fundador indispensável a todos os dirigentes	11$00
Curso de Monitores, interessantes lições de um curso de guias de patrulha da Região Riograndense da U. E. B.	12$50
Como se dirige uma alcateia, por Vera C. Barclay, uma obra clássica de lobitismo	12$50
O Livro dos Lobinhos, de Baden-Powell	12$50
O Adestramento de Chefes	4$00

■ ■

Postais Ilustrados Escotistas. Edições inglesas da «Boy Scouts Association». Ilustrações sortidas, cada postal 1$20 e	1$50
Cromos de Boas-Festas, com excelentes ilustrações a cores, desde 3$00 a	5$00
Impressos de propaganda, cento	37$50

Pelo correio acresce o porte.

Revista brasileira «ALERTA!...»

Assinaturas na Redacção do *«Sempre Pronto»* a 10$00 por semestre e 18$00 por ano.

COLECÇÃO DO «SEMPRE PRONTO»

6 anos, artisticamente encadernada, num só volume, papel especial

Vende-se pela maior oferta a favor do cofre do nosso jornal

Os pretendentes devem fazer a sua oferta à Administração do «Sempre Pronto»